

Herzog 40 anos

Quarenta anos se passaram desde o assassinato de Vladimir Herzog. O ato que se inicia neste momento é uma homenagem da Adusp à memória de Vladimir Herzog e, ao mesmo tempo, é uma forma de manter aceso o debate sobre a Ditadura Militar iniciada em 1964.

Ainda hoje, as atrocidades cometidas por agentes da Ditadura Militar continuam impunes. No episódio que resultou na morte de Vlado, o general que comandava o II Exército foi apenas exonerado. Anos depois, morreu sem responder por seus crimes. E os torturadores que agiram sob as suas ordens no DOI-CODI continuam soltos e impunes.

A Lei da Anistia de 1979 precisa ser revista, e alguns de seus dispositivos anulados, de modo a permitir que os agentes públicos implicados com o Terrorismo de Estado venham a ser processados por seus crimes, na forma do Código de Processo Penal. É inadmissível que militares torturadores de alta patente, por ocasião de seu falecimento, continuem a receber honras militares, como já aconteceu duas vezes em 2015.

Referimo-nos ao general Leônidas Pires Gonçalves e ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, cujos

nomes constam da lista de torturadores elaborada pela Comissão Nacional da Verdade, órgão oficial, criado por lei federal; mas assim mesmo receberam homenagens do Estado brasileiro.

Portanto, ao realizar este ato público que se destina a registrar os 40 anos do assassinato de Vladimir Herzog, nos sentimos impelidos a indagar: quanto ainda falta para que não mais se repita, para que não mais aconteça algo semelhante àquilo que acontecia na Ditadura Militar?

A cada dia, encontramos à nossa volta fortes indícios de permanência do regime. Seja no *modus operandi* da Polícia Militar, ao reprimir movimentos sociais e ao exterminar jovens pobres e negros nas periferias. Seja na Lei Antiterrorismo, que o governo tenta aprovar com o apoio do Congresso. Seja nos currículos das escolas militares. Seja na permanência da tortura como instrumento de Estado.

Ao relembarmos a trajetória de Vlado, ao exercitarmos a memória da sua vida e do seu martírio, estaremos combatendo o esquecimento que tanto interessa aos defensores da Ditadura. Por isso nos interessa falar do Vlado jornalista, que honrou como poucos essa profissão. Por isso nos interessa também falar do Vlado professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, um vínculo que

essa universidade esqueceu deliberadamente e por muitos anos.

O assassinato de Vladimir Herzog acabou custando muito caro ao regime militar. O ato ecumênico *in memoriam* celebrado por dom Paulo Evaristo Arns, Henry Sobel e Jaime Wright na Catedral da Sé terminou por representar um duro revés para a Ditadura. De certa forma, foi o início do fim, embora a Ditadura ainda tivesse fôlego para se arrastar por quase uma década.

Na Universidade de São Paulo, o episódio também gerou mudanças. A indignação provocada pela morte do jovem professor da ECA e brilhante diretor de jornalismo da TV Cultura conduziu à transformação da antiga Associação dos Auxiliares de Ensino na Associação dos Docentes, a nossa Adusp. Que logo passaria a denunciar os desmandos da Reitoria e seus laços com a repressão política, basta ver a publicação da obra intitulada *O Livro Negro da USP*, e que alguns anos atrás republicamos com o nome de *O controle Ideológico na USP*.

Acreditamos que este ato de hoje, esta necessária e justa homenagem à figura de Vladimir Herzog, nos ajude também a defender a democracia brasileira. Herzog para sempre, Ditadura nunca mais!

São Paulo, 16 de novembro de 2015
César Augusto Minto - Presidente da Adusp